

O PREDOMÍNIO DOS AUTORES CLÁSSICOS DA SOCIOLOGIA NO ENSINO BÁSICO BRASILEIRO

Renato Cristiano Lima Barreto ¹
Paulo Henrique Marques de Queiroz Guedes ²

RESUMO

Este artigo visa discutir o espaço ocupado – no ensino básico brasileiro - pelos autores clássicos da sociologia. A pertinência dessa discussão nos leva a refletir, também, outras questões como: quais autores da sociologia são apresentados como clássicos nos livros didáticos? qual a relevância de estudar os clássicos da sociologia no Ensino Básico? qual a influência das disciplinas de Teoria Clássica – ministradas nas licenciaturas de sociologia – em relação ao ensino da sociologia na educação básica? A partir dessas indagações buscamos discutir sobre a importância de se constituir uma formação sólida por parte dos docentes da sociologia em relação aos autores reconhecidos como clássicos e precursores da referida ciência, a saber: Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim. O caminho metodológico adotado neste trabalho tem como norte a pesquisa bibliográfica sobre as produções que discutem a importância dos teóricos clássicos que tiveram destaque na fundação da sociologia. Como resultados, destacamos como imperioso a multiplicação do debate - nos departamentos dos cursos de Sociologia e Ciências Sociais – sobre como as licenciaturas desses cursos tem investido no aprofundamento teórico dos autores clássicos da sociologia e de como esse exame pode se desdobrar nos materiais didáticos da sociologia no ensino básico.

Palavras-chave: Ensino Básico, Livros Didáticos, Sociologia, Clássicos da Sociologia.

INTRODUÇÃO

Este artigo visa discutir o espaço ocupado pelos autores clássicos da sociologia no Ensino Básico brasileiro. A pertinência dessa discussão nos leva a refletir, também, outras questões como: que autores da sociologia são apresentados como clássicos no Ensino Básico da referida disciplina? qual a necessidade de estudar os clássicos no Ensino Básico? qual a influência das disciplinas de Teoria Clássica em relação ao ensino da disciplina de Sociologia no Ensino Básico?

¹ Discente do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB. Professor de Sociologia e consultor de Tecnologia de Gestão Educacional da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba – SEECT/PB, limabarreto@see.pb.gov.br;;

² Coautor e Professor orientador: Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, paulo.guedes@ifpb.edu.br



Antes de iniciar a discussão pautada acima, é válido referenciar o artigo do professor Viana (2013), do programa de Pós- Graduação em Sociologia da UFG, publicado na revista *Contrapontos* que trata da mesma temática voltada para o Ensino Superior. Outra ressalva que gostaria de mencionar é que essa discussão que trataremos nesse texto, é fruto dos debates ocorridos durante a minha passagem como aluno do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação da Paraíba (ProfEPT/IFPB), onde foi possível refletir sobre a legitimidade e a importância dos Clássicos da Sociologia, a partir da leitura Alexander (1999), que define com muita lucidez o que vem a ser um clássico:

“Um clássico é o resultado do primitivo esforço da exploração humana que goza de status privilegiado em face da exploração contemporânea no mesmo campo. O conceito de status privilegiado significa que os modernos cultores da disciplina em questão acreditam poder aprender tanto com o estudo dessa obra antiga quanto com o estudo da obra de seus contemporâneos. Além disso, tal privilégio implica que, no trabalho diário do cientista médio, essa deferência se faz se prévia demonstração: é tacitamente aceita porque, como clássica, a obra estabelece critérios básicos em seu campo de especialidade. (ALEXANDER, 1999, P.24).

Gabriel Cohn (2009), em sua coletânea intitulada *Para Ler os Clássicos*, também justifica e aponta Durkheim, Marx e Weber como merecedores do rótulo de Clássicos da Sociologia:

Cabe dizer desde logo, porém, que esta coletânea não trata dos *fundadores* da Sociologia, num sentido histórico-cronológico do termo, mas sim daqueles autores que, pelo alcance e profundidade de suas contribuições originais e por sua presença na atividade sociológica contemporânea, merecem mais do que quaisquer outros a qualificação de *clássicos*. Daí a concentração em Durkheim, Weber e Marx. (COHN, 2009, P.8).

Para uma apresentação justa de quem são os autores clássicos da Sociologia e qual o legado de cada desses autores para a referida ciência, seria necessário desbravar várias laudas. O francês David Émile Durkheim tinha como fascínio buscar compreender o “bom” funcionamento da sociedade. Seu esforço em abordar sociologicamente o fenômeno do suicídio também lhe rendeu bastante visibilidade. Dentre suas obras mais conhecidas estão: *Da Divisão do Trabalho Social; As Regras do Método Sociológico; As Formas Elementares da Vida Religiosa; A Educação Moral, Sociologia e Filosofia; O Suicídio*, dentre outras. Com um currículo acadêmico invejável, Durkheim possuía “credenciais” de sociólogo, antropólogo, filósofo e psicólogo social.



A volumosa obra de *O Capital* rendeu a Karl Heinrich Marx – mais conhecido como Karl Marx - espaço garantido entre sociólogos, historiadores e economistas de forma global. Odiado, em parte, pelos que se identificam como burgueses, Marx inspirou e ainda inspira ideais revolucionários por boa parte do mundo. Apesar de não ser considerado um texto científico *O Manifesto do Partido Comunista* é consagrado uma das obras mais lidas até os dias atuais. Seu legado está pautado nas transformações sociais e no fim da desigualdade social tomando por base a concepção marxiana da luta de classes. Dentre suas obras mais conhecidas podemos destacar: *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*; *A Ideologia Alemã*; *A Sagrada Família*, *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*; *Teorias Sobre a Mais-Valia*; *Teses sobre Feuerbach*; *A Guerra Civil na França*; *Miséria da Filosofia*, dentre outras obras com e sem parceria de Friedrich Engels³.

Por último e não menos importante, o também alemão Karl Emil Maximilian Weber (Max Weber) apresentava, assim como Karl Marx, bom trânsito nas áreas de filosofia, direito, economia e sociologia. Através da sua famosa obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Weber nos forneceu elementos para compreender de que modo o capitalismo se desenvolveu e como o comportamento dos protestantes foi determinante para isso: “E, na verdade, esta ideia peculiar do dever profissional, tão familiar a nós hoje, mas, na realidade, tão pouco evidente, é a mais característica da “ética social” da cultura capitalista, e, em certo sentido, sua base fundamental”. (WEBER, 1999, P. 33, edição traduzida). Assim como os demais autores clássicos, Weber produziu uma literatura até hoje visitada, das quais merecem destaque: *A Ciência Como Vocação*; *Economia e Sociedade*; *Sociologia da Religião*; *A Política Como Vocação*, dentre outras.

Na qualidade de professor de Sociologia do Ensino Básico da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, tive a oportunidade de participar por diversas vezes do processo de escolha do livro didático por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Essa experiência permitiu o contato com os livros didáticos das principais editoras do país, favorecendo a análise do programa de cada obra que servia de recurso didático para o ensino

³ A parceria entre Karl Marx e Friedrich Engels foi crucial para que Marx tivesse condições de se dedicar em relação a produção de algumas obras mencionadas acima. Engels era considerado um intelectual de família abastada, e apoiou Marx financeiramente e intelectualmente, através de conselhos dos quais Marx deveria focar suas análises sobre economia política, por exemplo. Após a morte de Marx, Engels se encarregou de dar continuidade na escrita da volumosa e celebre obra de *O Capital* que havia sido iniciada por Karl Marx.

da disciplina de sociologia. É a partir desse ponto que queremos iniciar a discussão sobre o espaço ocupado pelos autores Clássicos da Sociologia no Ensino Básico brasileiro.

Qualquer busca rápida sobre as ementas das disciplinas de teoria sociológicas ou de teorias clássicas ou de qualquer outra nomenclatura que trate sobre o estudo dos clássicos da sociologia no ensino superior, nos cursos de ciências sociais/sociologia, seja a nível de graduação ou pós-graduação, apontará, como conteúdo comum, a leitura sobre Émile Durkheim, Karl Marx e Marx Weber, e avançará em uma série de outros autores importantes e legitimados como clássicos (muito embora não seja nossa intenção tratar aqui o processo de legitimidade), a exemplo de Georg Simmel, George Mead, Talcott Parsons, entre outros. No que diz respeito as teorias sociológicas contemporâneas, a lista de autores é ampla.

Porém, quando nos referimos a educação básica, os livros didáticos de sociologia parecem reservar um espaço privilegiado e central para uma tríade de autores clássicos: Durkheim, Marx e Weber. A consagração de autores como pertencentes a categorias de clássicos pode ser compreendida nas palavras de Nildo Viana:

Além de ideias profundas, originais e inovadoras, para ser clássico é necessário o reconhecimento social. Nesse sentido, um pensador se torna clássico não somente quando produz ideias sólidas e inovadoras, que abrem um novo campo de pesquisa e se torna base para futuras análises, reflexões e pesquisas, mas também quando recebe reconhecimento social, seja por expressar necessidades sociais (gerais ou particulares, ou seja, da sociedade como um todo, de uma classe social, de um grupo social, de uma instituição, etc.). (VIANA, 2013, P. 141).

Nas disciplinas dos cursos de ciências sociais ou sociologia voltadas para o estudo dos clássicos observa-se que a dimensão e a complexidade teórica de autores como Marx, Weber e Durkheim rendem uma gigantesca discussão. É nesse momento que se estreita o contato dos discentes com as obras originais dos autores clássicos e sua riqueza metodológica que serve de parâmetro, inspiração e até mesmo refutação. Devido à complexidade teórica dos autores clássicos, é comum na academia recorrer a comentaristas e interpretes dessas obras, talvez pela vasta gama de conceitos abordados por cada um desses autores, talvez pelo pouco tempo que a carga horária de cada disciplina destinada ao estudo dos clássicos oferta, e pelo fato de algumas obras não serem tão acessíveis na língua materna.

Se no ensino superior o estudo dos clássicos consiste em uma tarefa complexa, porém necessária, o que podemos esperar do estudo dos clássicos nos programas de sociologia do ensino básico? Ou o estudo dos clássicos é uma questão que deve ser tratada apenas na esfera



do nível superior de ensino? Essa questão nos ajuda a refletir como vem sendo pensado as ementas e o currículo da sociologia no Ensino Básico, e requisita maior atenção nos grupos de trabalhos dos congressos acadêmicos.

METODOLOGIA

O caminho metodológico adotado neste trabalho tem como norte a pesquisa bibliográfica sobre as produções que discutem a importância dos teóricos clássicos que tiveram destaque na fundação da sociologia. Selecionamos artigos de livre acesso no portal da Scielo e em revistas acadêmicas especializadas na área de humanas, dando predileção aos artigos escritos a partir do ano de 1999. Através desses trabalhos, nos aproximamos do que a academia vem discutindo a respeito dos teóricos clássicos da sociologia e sua legitimação enquanto autores seminiais. Além disso, nos aprofundamos na leitura de teóricos contemporâneos da sociologia, bem a obra original (traduzida) de Max Weber, a partir de A ética protestante e o espírito do capitalismo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Como foi mencionado, os livros didáticos de sociologia do Ensino Básico brasileiro garantem espaço privilegiado para autores clássicos, a saber: Durkheim, Marx e Weber. No tocante ao estudo da Sociologia no terceiro grau, ou seja, nos cursos de graduação e pós-graduação de Ciências Sociais e ou Sociologia, Viana (2013) percebe a disciplina de Teoria Clássica – ou teoria sociológica ou qualquer outra nomenclatura que aborde o estudo dos clássicos - como uma das principais:

Após a constatação da necessidade fundamental de ensino dos clássicos, então devemos discutir como fazê-lo. A grade curricular deve ter pelo menos uma disciplina dedicada aos clássicos (embora devesse ser mais de uma e isso pode ser resolvido com disciplinas optativas sobre cada um dos clássicos, o que ampliaria a formação do aluno e permitiria ao professor com formação incipiente reler e pesquisar e se aperfeiçoar e para o professor já com domínio, a possibilidade de reler, aprofundar e socializar o seu saber). A disciplina teoria sociológica clássica – independente do nome que se lhe dê – assume o papel de disciplina principal nos cursos de sociologia (graduação e pós-graduação). Logo, o seu ensino deve sofrer um processo de reflexão mais profunda. (VIANA, 2013, P. 143)



Além de destacar o protagonismo que o estudo dos clássicos deve ter nos cursos de Ciências Sociais e ou Sociologia, Viana (2013) se preocupa também pela forma com que essa disciplina deve ser conduzida na formação dos estudantes de nível superior.

A reconstituição da experiência intelectual do autor, bem como a percepção da totalidade do seu pensamento, pressupõe romper com determinados problemas no ensino dos clássicos. Um destes problemas é levar o aluno a ler apenas trechos ou capítulos de obras ou utilizar apenas comentaristas. A totalidade do pensamento de um autor não pode ser percebida com leituras limitadas, parciais de trechos ou capítulos de obras. É preciso, no mínimo, a leitura das obras fundamentais de cada autor, de forma completa. O argumento de que (no caso da graduação) se trata de “calouros” é sem sentido, pois se tratamos os outros como inferiores e infantis, não contribuimos para que eles saiam deste estado. Em vez de formar “eternos calouros”, é melhor começar a formar sociólogos ou cientistas sociais. Por conseguinte, não se deve ler apenas o primeiro capítulo de *As Regras do Método Sociológico*, de Durkheim, e sim o livro inteiro(...). (VIANA, 2013, P 143).

Essa preocupação do autor diante da importância da disciplina de Teoria Clássica tem para os cursos de ciências sociais e sociologia, bem como a forma que a referida disciplina é conduzida é de grande relevância e esse cuidado se deve ao fato de que comentaristas de obras são interpretes, e toda interpretação merece os devidos cuidados para não desperdiçar a riqueza que as obras originais possuem. Além disso, a leitura “in loco” garante uma formação mais sólida e hábil, para que o futuro profissional possa conduzir um debate mais apropriado e desmistificar as avaliações que o senso comum, os aventureiros, e os pseudo especialistas constantemente lançam em relação aos clássicos e aos assuntos por eles abordados.

É também necessário alertar o aluno que tal comentarista, assim como qualquer outro, interpreta o autor e não é inquestionável sua interpretação (assim como o próprio pensamento do autor clássico não é inquestionável). No caso de Marx, o caso é mais grave, pois devido sua posição política, inúmeros antimarxistas ou conhecedores vulgares de sua obra tentam simplificar ao extremo sua concepção para facilitar a crítica e o descarte. As acusações fáceis de determinismo econômico, entre outras, apenas mostram desconhecimento da obra do autor e de sua complexidade (e de uma consciência mínima do que seja a dialética tanto hegeliana, fonte inspiradora, quanto a marxista). (VIANA, 2013, P 144).

Um estudante iniciante pode lançar mão da leitura original e ir buscar apoio nas obras dos comentaristas, no intuito de encontrar uma linguagem mais “suave” ou um atalho para a compreensão da obra dos clássicos. Porém, esse empreendimento pode se tornar muito perigoso caso a única fonte desse estudante seja apenas as ideias dos comentaristas. Imaginemos o seguinte exercício: ler um livro que comenta autores clássicos da sociologia, e sem entrar no mérito da obra, como poderíamos ter plena certeza de que o comentário sobre os referidos teóricos e suas obras estariam de fato coerentes?



Separamos um trecho do livro “*Um toque de clássicos*” para que possamos proceder com o exercício sugerido anteriormente:

A contribuição de Durkheim, embora seja de inegável valor e até hoje permaneça como reconhecida referência para aqueles interessados nas questões sociais, deixa também em aberto algumas questões polêmicas. A ênfase durkheimiana na coesão social e na solidariedade levou o autor a dar um tratamento marginal ao tema do conflito assim como das desigualdades sociais. (BARBOSA; OLIVEIRA; QUINTANEIROS, 2002. P.139).

Como podemos perceber, as comentaristas fazem afirmações com bastante veemência, porém o leitor que utiliza apenas o ponto de vista de comentaristas, acaba limitando sua visão a interpretações – que por mais aceitas que sejam são apenas interpretações. Perde-se a capacidade de argumentação e refutação ao ler apenas comentaristas e abrir mão das obras originais. Uma formação baseada apenas em opiniões alheias, por mais reconhecimento social e acadêmica que essas opiniões possam ter, não garante consistência suficiente para que o profissional possa negar ou ratificar com segurança as análises dos comentaristas especializados ou até mesmo de opiniões oriundas do senso comum.

Outra ressalva importante que Viana (2013) faz em relação ao ensino dos clássicos nos cursos de nível superior diz respeito ao cuidado em evitar a apresentação das ideias dos autores clássicos de forma cronológica, o que é constantemente feito pelos comentaristas.

Assim, o ensino da sociologia clássica pressupõe uso das fontes e obras inteiras, reconstituição da experiência intelectual do autor a partir de suas preocupações fundamentais, percepção da evolução intelectual (sem cair no erro cronológico), não perder de vista a evolução intelectual do autor e a totalidade do seu pensamento, usar comentaristas mais qualificados e alertar de seu caráter questionável, entre outros aspectos. Dentre estes outros aspectos, que são muitos, mas não podemos abordar no presente texto, podemos citar os problemas das traduções. Cabe ao professor conhecer e indicar as melhores traduções, apontar erros de traduções mal feitas, etc. (VIANA, 2013, P. 144).

A observação desses cuidados diante de uma disciplina vital para a formação do Sociólogo pode ser decisiva na forma pela qual o mesmo desempenhará sua função, seja como bacharel ou como licenciado. Seja a nível profissional nos estabelecimentos de ensino, por exemplo, ou a nível acadêmico uma vez que o estudo dos clássicos será relevante desde a graduação até o pós-doutorado. Relevância esta, que agora chega ao currículo da educação básica através da implantação da disciplina de Sociologia no currículo do Ensino Médio.

Essa compreensão da importância dos clássicos na formação de nível superior reflete de forma decisiva na conduta dos professores de sociologia que atuam nos estabelecimentos de



ensino da Educação Básica, tendo em vista o espaço privilegiado que os livros didáticos ofertam aos clássicos da sociologia, como bem alertou Viana:

Essas breves indicações de como ensinar sociologia clássica é apenas um momento da formação do sociólogo ou cientista social. Uma vez que passe a ter um domínio mínimo dos clássicos da sociologia, ele fica apto a entender melhor os contemporâneos, que geralmente bebem na fonte dos clássicos (inclusive dos erros interpretativos de muitos deles) e para formar sua própria consciência sociológica, o que possibilita, inclusive, a crítica dos clássicos Mas toda crítica pressupõe domínio e por isso a sociologia clássica é fundamental e pelo mesmo motivo todo sociólogo deve ter um conhecimento básico e mínimo das obras dos três clássicos da sociologia: Marx, Durkheim e Weber. (VIANA,2013, P. 144).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

QUAL A NECESSIDADE DE ESTUDAR OS CLÁSSICOS NO ENSINO BÁSICO?

Destacar a importância, a legitimidade, a riqueza, a originalidade, a necessidade e o papel dos clássicos consiste numa tarefa muito bem-sucedida por autores renomados como Alexander, Giddens (2008), Bourdieu, Bauman, entre outros que fazem uso recorrente dos clássicos, como podemos ver na leitura de VIANA (2013):

As modas passam, os clássicos ficam. E isso é mais claro ainda devido ao fato de que os contemporâneos bebem na fonte dos clássicos. Bourdieu faz uma síntese entre os três clássicos e basta ver as obras de Giddens e Bauman para ver sua incessante discussão e retomada dos clássicos, sem falar da Escola de Frankfurt e a presença de Marx ou o funcionalismo e a sua referência a Durkheim e Weber, entre milhares de outros exemplos. (VIANA, 2013, P.143).

Sem entrar na análise de como o conteúdo do programa dos livros de sociologia do ensino médio são pensados, cabe ao menos levantarmos a discussão de qual o papel ou a necessidade de estudar os clássicos da sociologia na educação básica, principalmente por se tratar de um nível de ensino intermediário e sem a finalidade de tornar os alunos especialistas no assunto, como se busca fazer nos cursos superiores de ciências sociais ou sociologia. Trabalhar os conteúdos de sociologia no ensino básico seria garantir um “*Front Stage*” na abordagem de Durkheim, Marx e Weber?

Uma explicação plausível do protagonismo que esses três autores possuem nos programas dos livros didáticos do Ensino Básico se deve ao fato desses materiais servirem como uma espécie de manuais introdutórios sobre os problemas e temáticas da Sociologia, além obviamente de apresentar o surgimento dessa disciplina. Diferentemente de disciplinas tradicionais como Matemática, Física, Geografia e História por exemplo, a Sociologia passou



a fazer parte recentemente do currículo da Educação Básica brasileira. A garantia de sua inserção no currículo do Ensino Médio veio em 2008 no governo Lula, e sua inserção efetiva em sala de aula se deu em 2011 nas escolas públicas da Paraíba. É possível que outros estados do Brasil tenham conseguido garantir uma implementação mais rápida da sociologia nas escolas.

Por se tratar de uma disciplina recente, ao menos no currículo da Educação Básica, muito ainda se tem a discutir de que forma a disciplina pode e deve ser trabalhada nesse nível de ensino. Os livros didáticos por sua vez, abordam de forma simples e objetiva o contexto e a forma que a sociologia surgiu; quais eram e quais são as preocupações e problemas que favoreceram o surgimento da disciplina; qual o objetivo e a função dessa disciplina na formação do aluno, e de como ela é importante para compreender a complexidade do mundo moderno, principalmente depois das mudanças inspiradas nas revoluções técnicas e políticas.

Essa parte introdutória é de suma importância para que os estudantes que nunca tiveram contato com a disciplina comecem a perceber a importância da sociologia em suas vidas. E dessa forma os autores como Durkheim, Marx e Weber são apresentados como os principais teóricos ou como “tríade clássica” da Sociologia. Evidentemente que outros autores são mencionados, a exemplo de Auguste Comte. Mas são esses três autores que se consolidaram como fundadores da sociologia e vão ganhando protagonismo na apresentação da disciplina no Ensino Básico.

É bem verdade que muito se tem a apresentar sobre esses três autores. No geral a discussão sobre Karl Marx, nesse nível de Ensino, gira em torno de conceitos como: Dialética e Materialismo histórico, forças produtivas, relações de produção, modos de produção, alienação, lucro, estrutura e superestrutura, classes sociais, lutas de classes, capitalismo, socialismo, burguesia, proletariado, revolução, comunismo, revolução, etc.

Em relação a Durkheim os livros didáticos apontam como conteúdos essenciais: o método sociológico, coesão, solidariedade, os tipos de solidariedade, coerção, anomia, fatos sociais, ética, normas, etc. Ao tratar de Max Weber, os manuais do Ensino Médio consideram como indispensáveis assuntos como: a objetividade da sociologia, os tipos ideais, ação social, os tipos de ação, poder, dominação, os tipos de dominação, etc.



Esses conceitos são apresentados na disciplina de Sociologia ao longo dos três anos de duração do Ensino Básico das escolas públicas. Obviamente que a apresentação das teorias dos autores clássicos acontece de forma epidérmica nos livros didáticos, com abordagens superficiais e introdutórias sobre os conceitos dos referidos autores. Por se tratar de um nível intermediário, a apresentação dos clássicos da sociologia por meio da interpretação de comentaristas é bem-vinda, pois simplifica e torna acessível a linguagem para os jovens que não são especialistas em sociologia. Porém, o uso recorrente de comentaristas dos clássicos na academia deve ser visto com cautela. Não podemos correr o risco de ter alunos formados somente em fontes que não são originais. Isso já ocorre na educação básica.

Apesar de introdutória, a apresentação dos principais conceitos dos clássicos da sociologia no currículo do Ensino Básico favorece uma melhor compreensão de como a sociedade se organiza e funciona, e serve como importante alicerce para aqueles que desejam conhecer mais a fundo a Sociologia enquanto ciência nas universidades. A tentativa de um maior aprofundamento na discussão sobre os clássicos nessa etapa de ensino pode fortalecer o estereótipo de que a sociologia é uma ciência erudita de difícil compreensão.

Considerando que a disciplina de teoria sociológica consiste numa base fundamental na formação dos estudantes de graduação e pós-graduação dos cursos de Ciências Sociais e Sociologia, é possível concluir que a forma com que essa disciplina é conduzida ou aproveitada reflete de forma significativa na forma com que os estudantes vão desempenhar suas funções como professores da Educação Básica. Isso não significa dizer que seja necessário vangloriar os clássicos da sociologia para ter um bom desempenho profissional ou acadêmico, mas subestimar o potencial que o conhecimento desses autores clássicos proporciona para os sociólogos contemporâneos na compreensão dos problemas sociológicos e suas limitações é como dirigir sem ter habilitação.

O próprio Ensino Básico conta com exames de avaliação externa, como é o caso do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que considera os conteúdos de Sociologia no conjunto de questões das Ciências Humanas. Esse Exame recuperou nas últimas edições questões que exigiam conhecimentos sobre os principais conceitos dos clássicos da Sociologia. O que reforça mais ainda a necessidade dos profissionais da Educação Básica atentarem para a importância da leitura dos clássicos.



O reconhecimento social da literatura de Durkheim, Marx e Weber também pode ser visualizada nas bancas de concursos públicos na área de ciências sociais, sociologia, dentre outras áreas das ciências humanas, que constantemente listam os três autores como leitura obrigatória para as provas de seleção. O próprio estudante de ensino básico que tiver uma boa instrução sobre os clássicos da sociologia pode lograr melhor êxito em exames de acesso a programas de pós-graduação.

Tudo isso evidencia a magnitude da influência que as disciplinas de teoria clássica exercem na formação acadêmica e profissional do sociólogo, e como essa formação pode ser determinante em outros setores como é o caso do aproveitamento da disciplina de sociologia na Educação Básica

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, com as ideias compartilhadas nesse artigo, trazer uma discussão sobre a importância de se constituir uma formação sólida por parte dos apreciadores da Sociologia em relação aos autores reconhecidos como Clássicos e percussores da referida ciência. Essa preocupação deve ser pauta de debate nos departamentos dos cursos de Sociologia e Ciências Sociais, para que se possa garantir espaço adequado (créditos, carga horária, minicursos, etc) para implementação das disciplinas que tratam sobre os autores que alicerçam tais cursos.

A forma com que a disciplina de sociologia é ministrada no Ensino Básico, bem como o papel que os clássicos exercem nessa etapa de ensino não pode ser negligenciada pela academia. A própria disciplina de Teoria Clássica deve apontar um norte de como os futuros profissionais deverão conduzir os conteúdos que tratam sobre os autores clássicos da Sociologia, a saber Durkheim, Marx e Weber. Isso ratifica a necessidade dos estudantes de ensino superior buscarem como fonte primária as próprias obras originais de cada um desses autores. As críticas feitas aqui em relação as obras de comentaristas são na verdade críticas àqueles que lançam mão apenas dessa forma de acesso ao legado dos clássicos. Nem de longe tivemos a intenção de questionar a credibilidade e o reconhecimento acadêmico e social que os comentaristas possuem.

Apesar da breve apresentação do legado de Marx, Weber e Durkheim, acreditamos que esse texto possa contribuir de alguma forma para levantar uma discussão sobre a forma que é conduzida a formação dos estudantes tanto do ensino superior como do ensino básico em



relação ao conhecimento sobre os clássicos da Sociologia. Essa discussão tem que ser abordada de forma enfática nos Programas de Mestrado Profissional em Ensino de Sociologia, tendo em vista que as disciplinas de Teoria Sociológica tem como dever oferecer uma abordagem que consiga abranger as discussões pertinentes as referidas disciplinas, sem deixar de lado a problematização de seu conteúdo em relação ao ensino básico de sociologia nas escolas públicas, sendo fundamental discutir a importância dos clássicos na formação dos alunos do ensino médio brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Jeffrey. “A Importância dos Clássicos”. In. GIDDENS, A. TURNER, J. (Orgs.) *Teoria Social Hoje*. Ed. UNESP, 1999.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os Clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COHN, Gabriel (org). *Sociologia. Para ler os Clássicos*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2ª edição. 2009.

QUINTANEIRO, Tania. *Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber/ Tania Quintaneiro, Maria Lígia de Oliveira Barbosa, Márcia Gardênia de Oliveira*. – 2. Ed. rev. Amp. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

VIANA, Nildo Silva. Os Autores Clássicos da Sociologia no Ensino Superior. **Revista ContraPontos**. Eletrônica, Vol. 13 - n. 2 - p. 140-145 / mai-ago 2013. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ctp/v13n02/v13n02a09.pdf>.

WEBER, MAX. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de M. Irene de Q. D. Simrecsanyi; Tomás J. M. K Simrecsanyi. São Paulo: Pioneira, 1999.